

OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura

Anno	Semest	Trim.	N.º à entrega
36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	
3\$800	1\$900	6950	\$120
4\$000	2\$000	—	—
5\$000	2\$500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 613

5 DE JANEIRO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



PORTO — EGREJA DE S. FRANCISCO E CAPELLA DOS TERCEIROS

(Cópia de uma photographia do sr. E. Biel)



CHRONICA OCCIDENTAL

D'esta vez, sim, o anno novo foi devéras para nós o anno bom.

Logo, para começar, erguemos nos primeiros degraus da escada um arco triumphal. E' entre hymnos de gloria que o anno começa, é entre palmas e jubilos. E' limpido o céu; sobe n'elle magestoso o sol opulento, espalhando raios de ouro.

D'entro em pouco hão de chegar os nossos irmãos, os que foram para honra nossa, para bem da patria, escrever com o proprio sangue, nas charnecas mortíferas de Africa, mais uma pagina gloriosa da historia portugueza. E' preciso que os pés que sangraram pisando os cardos, os tojos, a areia que requieima, encontrem, ao chegar, o chão atapetado pelas petalas setinosas das nossas melhores flores; é preciso que a voz infantil das crianças, cujos pequeninos corações pulsaram de jubilo, lhes cante ao chegarem um hymno de amor. A febre minou-lhes os corpos, a perda do sangue enfraqueceu-os. E' preciso que as suas almas possam expandir-se na alegria immensa de ver coroados tanto heroismo, tanto sacrificio, tanto risco, tanta saudade, por tanta gratidão!

Choraram tanto as mães, as irmãs, as noivas! Ha tanto calor n'aquellas seios para dar vida nova aos corações que tremiam de frio! Ha tanta frescura nas lagrimas de alegria que elles hão de beber n'aquellas faces, com que hão de matar a sede que lhes esbraseava as gargantas!

Foi uma noite alegre aquella em que meia duzia de palavras vieram pôr mais um cantico aos Lusíadas.

São filhos dos heroes da Asia os que hoje nos tetricos areaes africanos enterraram a haste da bandeira das Quinas mais uma vez victoriosa. Mais uma vez se pode exclamar o velho dito, aquelle que nós todos dizemos, quanta vez rindo: — Ainda ha portuguezes!

Que differença entre a aurora d'este janeiro e aquelle sombrio crepusculo de ha cinco annos, quando o povo ia, offendido, envergonhado, por essas ruas gritando, em berros de dôr, porque julgava ver a patria a estorcer-se nas ultimas agonias!

Não! A patria está viva! O ventre fecundo que produz taes filhos é o mesmo que deu vida e alma aos velhos heroes lusitanos, aos que se bateram nas serras contra romanos, nas planicies do Tejo e nos montes do Algarve contra moiros, em Aljubarrota contra as hostes do rei hereje de Castella, por toda a Asia contra o poderio immenso dos grandes imperadores do mundo.

Foi aquella costa oriental de Africa que Luiz de Camões escolheu para scenario dos melhores cantos dos seus Lusíadas. Foi ali que Vasco da Gama contou a El-Rei de Melinde a batalha de Ourique e a historia da nossa bandeira, o feito honrado de Egas Moniz, a batalha de Salado, os amores de Ignez, as façanhas do Condestavel, os sonhos d'El-Rei D. Manuel, a fabula do Adamastor. N'aquellas praias que banham o Oceano Indico desenrolaram-se tragedias medonhas escriptas com lagrimas por quantos poetas! Cada onda do mar vem beijar rochas que o sangue de portuguezes tingiu em naufragios celebres, em luctas contra barbaros. Nas areias d'aquellas praias apodreceram cadaveres enterrados por mãos piedosas de parentes. E com tanta lagrima, com tanto sangue vertido, escreveu-se uma historia tragica e gloriosa.

Mas a historia não findou ainda, os capitulos gloriosos teem que engrossar o tomo.

Por isso os portuguezes lá voltaram; mais uma vez os nossos navios cortaram as aguas revoltas pelo esbracejar do ciumento gigante, filho da Terra. Seguiram os nossos soldados pelas terras dentro. Perseguiam-os as febres, os raios mordentes d'um sol abrasador, mais tarde as chuvas torrencias. Eram poucos os abrigos, era nullo o conchego, mas eram grandes as almas. O Anjo da Victoria tocou mais uma vez o clarim.

Por isso podemos dizer que d'esta vez o anno novo foi devéras um anno bom.

Anno bom! Como raras vezes se podem escrever estas duas palavras! Anno bom!

Bem haja quem nos trouxe tamanha alegria ás almas, quem, porque o coração lhe vibra n'um peito honrado e forte, soube comprehender a quanto a fama do nome o obrigava, a quanto o

obrigavam as lagrimas das mães pelos filhos ausentes, as aniedades da patria, que mais se adora quando se é longe.

Hão de voltar em breve os heroes da Africa. Que todos os que teem o culto da patria, da honra, que todos os que sentem bater fraternalmente os corações ao ver a gloria de irmãos, lhes prestem culto a elles, os homens com palmas, as crianças com hymnos, as mulheres com sorrisos.

... Que nunca os admirados
Allemaes, Gallos, Italos e Inglezes
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.

Eis o que é preciso. Affirmámos a nossa força; demos ao mundo um exemplo notavel de energia, de amor patrio; meia duzia de portuguezes cumpriram heroicamente um dever sagrado; soubemos mandar, não devemos ser mandados. Patria que tem taes filhos, a patria de Camões, deve ser digna d'elles.

Poude um dia Portugal mandar com Vasco da Gama as suas naus até á India; nas costas da Arabia, da Ethiopia estabeleceu presidios que eram como freio aos barbaros; fez estremecer nos seus thronos por maravilhosas victorias o imperador do Malabar, pelo fechar do Mar Roxo o Soldão do Cairo; na Aurea Chersoneso conquistou a cidade de Malaca; fez tributarias muitas provincias de Africa; ganhou cidades em toda a costa. Como se tanto não bastasse, as nações portuguezas, que haviam já tanta vez dobrado o Cabo das Tormentas, levaram ao Novo Mundo, os que haviam de fundar um dos maiores imperios da terra. Ha nomes portuguezes que só podem ser cantados entre musicas vibrantes de clarins sonoros: D. Nuno Alvares Pereira, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, Duarte Pacheco, D. João de Castro e tantos mais!

Tantos mais que enchiam volumes. E tantos mais ainda não bastavam!

E' que as portuguezas começam a sentir nos flancos os primeiros movimentos dos que hão de ser heroes tambem; porque a patria vive, porque a patria rejuvenesce!

Anno bom! Que estrada gloriosa teve este anno!

E a noticia deu nos a todos a alegria d'uma convalescença. O sol parece que brilha com maior intensidade, globo d'ouro deslizando na vasta planicie azul agora sem uma nuvem, depois de tantas manhãs de nevoeiro! Começa já a sentir-se a primavera: o ar é mais tepido, com aromas de que se empregna ao passar pelos rosas floridos; as noites são serenas; as estrellas brilham no céu vivido, abundantemente; a abobada celeste illumina-se como um altar festivo. E tudo são luzes, são perfumes. As almas descansam.

Acabou-se a guerra; voltam para casa os filhos. Hão de chegar ahi talvez em plena primavera. N'uma manhã muito clara ha de entrar o navio por essa barra dentro. Como elles hão de gostar de ver o céu da sua terra! Já em viagem que alegria ao começarem a ver estrellas conhecidas, que elles amavam lá na aldeia, quando eram pequeninos, a estrella do norte sempre parada no mesmo sitio, a Barca por cujo leme a Tramontana se encontra. E os primeiros montes que se avistam de longe, a Serra de Cintra, o Castello da Pena lá no cume! O mar é todo azul. Chegam á entrada da barra. Que alegria a d'elles! Lá ficaram uns companheiros, coitadinhos! As mães choram. Filhos da patria, morreram por ella. As mães choram, a patria tem que receber os outros alegremente. A Torre de Belem ergue-se no meio do Tejo, como a saudal-os. Que historias que ella conta, a Torre de Belem! O que ella tem visto entrar por essa barra dentro! Eram navios que vinham da India, do Brazil, da China, do Japão. Vinham carregados de heroes! Vinham como veem estes agora. Começam a avistar-se as casarias da cidade. Enchem-se os olhos de lagrimas. Cada qual tem ali um cantinho favorito, onde mora uma mãe, uma irmã, uma namorada, um parente, um amigo. E apontam para elle lá do meio do Tejo. Foi longa a viagem, a impaciencia pela chegada fez de cada hora um seculo. Mas chegaram. Quem ha de dizer que são aquelles os heroes da ultima guerra! Parece um bando de crianças, a rirem e a chorarem!

Batem fraternalmente os corações dos que os esperam. São os nossos irmãos que voltam cheios de gloria! E' preciso recebê-los com muitas palmas, que lhes cantem hymnos de triumpho, que as mulheres coalhem essas ruas, encham essas janellas, cubram de flores o caminho que elles hão de pisar!

Voltam d'além mar. A bandeira immaculada lá vai em triumpho a meio do regimento. E' a ban-

deira das Quinas Santas. Foram ellas que nos deram o anno bom.

Anno novo, anno bom! E' quasi sempre uma prophécia que falha. D'esta vez é uma certeza.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

A CIDADE DO PORTO

O nosso panorama, que publicamos a paginas 4 e 5, apresenta tanto quanto é possível nas dimensões de uma estampa a vista geral da segunda cidade do reino. Situada a seis kilometros E. do mar e a cem kilometros ao N. de Coimbra, está afastada de Lisboa, a cidade do Porto, sessenta e trez leguas. Servida pelo rio Douro o seu commercio é importante desde longas eras, os seus habitantes dedicando-se a esse ramo de actividade são tambem industriaes proficientes, e de variadas industrias tem sido berço aquella cidade.

Demorando na região chamada littoral do norte de Portugal a meteorologia dá-nos indicações preciosas acerca dos elementos da vida que certas culturas alli experimentam. Ha grande fertilidade devida ás terras de alluvião e abundancia d'aguas. Ha riqueza de materiaes de construcção graças á importancia das rochas eruptivas do seu districto que fornecem magnifico granito com o qual se constroem as habitações e os monumentos, havendo-o de grão tão fino e tão riço que serve para calçar as ruas da cidade. E da abundancia d'esse magnifico material e da largueza do seu emprego resulta um aspecto característico que nos offerece o Porto merecendo bem o titulo da cidade de granito. A côr plumbea d'aquelle material de construcção dá um tom de gravidade a toda a povoação que predispõe bem o viajante amigo do util e do pratico, sem os arrebiques polychromaticos privativos de uma cidade grande e forçosamente de variadissimos aspectos.

As bellas ruas, praças e jardins do Porto enriquecidas por magnificos monumentos, templos, estatuas, palacios publicos e particulares, são dignas d'aquelle segunda cidade do reino que a tantos respeito é igual e superior á capital.

Entre os mais fallados monumentos antigos e modernos que decoram o Porto como, por exemplo, as riquissimas igrejas parochiaes, e especialmente a alta torre dos Clerigos, o palacio da Bolsa e o palacio de crystal, pode distinguir-se como um primor de architectura e esculptura a igreja e capella de S. Francisco de cujas fachadas damos boa ideia na nossa gravura que abre o presente volume.

Interna e externamente essa igreja merece demorada attenção. Notaveis estrangeiros a ella se tem referido com expressões de grande elogio, admirando-a como uma verdadeira obra d'arte. A talha que adorna o seu interior não desmerece, antes excede, a belleza exterior.

Attribute-se a fundação do convento de S. Francisco da cidade do Porto a D. Sancho II, mas sendo fora dos muros, foi em 1404 mudado por D. João I para o sitio onde hoje existe a magestosa igreja de que fallámos e a elegante capella dos terceiros de S. Francisco, que faz a parte principal na nossa estampa e que é de construcção mais moderna.

O antigo edificio do mosteiro está actualmente transformado em palacio da Bolsa, tribunal de commercio e repartições congeneres.

Foi em 1633 que se instituiu no Porto a ordem dos terceiros de S. Francisco, na igreja dos religiosos da mesma ordem.

Os terceiros fundaram a sua capella propria, no mesmo logar da actual lançando-lhe a primeira pedra, em 1 de fevereiro de 1643. Foi reformada duas vezes, e da ultima, como hoje existe, construiu-se em 1792 desde os fundamentos sendo sagrada em 19 de maio de 1805 pelo bispo D. Frei Antonio de S. José. Da elegancia da sua fachada falla mais alto a nossa estampa do que a apreciação que expendemos.

Ouçamos fallando d'ella o conde Raczynski na obra que adiante citámos, e em que diz haver na capella quatro paineis no altar, devidos ao pincel de Vieira Portuense:

«Representam, diz elle, Santa Margarida confessando-se nos paroxismos da vida a um frade franciscano, Nossa Senhora da Conceição, Santa

Isabel dando esmolas, e S. Luiz, rei de França em oração. Na minha opinião o melhor d'estes quadros, é o que citei primeiro, e o de menor merecimento é o que representa S. Luiz. Ainda não conheço bem o Vieira Portuense. No palacio da condessa da Anadia, em Lisboa, vi d'elle uma pintura no genero de Albano, e o retrato da condessa da Athouguia, que me lembrou o de Angelica Kaufman, na casa do sr. Allen no Porto, vi tambem uma paisagem que eu diria ser de Pilman, e se assemelha muito ás obras de Dietrich e Teniers. Nas quatro composições que citei, revelou o auctor bastante sensibilidade e profundo sentimento religioso.

«O colorido é fraco mas harmonioso. O Vieira Luzitano possuia em mais alto gráo o sentimento artistico, mas o Vieira Portuense, tinha tambem muito talento e era um adoravel pintor.»

Diz-se que são muito notaveis as antigas *catacumbas* onde se sepultavam os irmãos da ordem cpjas ossadas mais tarde, por ordem da camara, foram trasladadas para a divisão especial do cemiterio do *Reposo*.

Passando a fallarmos da igreja de S. Francisco, que na nossa estampa se vê á esquerda, adduziremos tambem as phrases que o conde Raczyński no seu livro *Les Arts en Portugal* pag. 382, escreve a seu respeito:

«A igreja de S. Francisco, que foi fundada em 1325, tem um lindo portal gothico mas parece-nos que não é todo da mesma epoca. Sempre anachronismos!»

«É interiormente revestida de esculptura em madeira dourada, d'uma riqueza e belleza superiores a tudo o que n'este genero tenho visto em Portugal e fóra de Portugal.»

«Este genero de esculptura em madeira se denomina em Portugal *obra de talha*. É do *rococó* que eu gosto, posto que não seja classico.»

Julgado assim por opinião tão insuspeita só acrescentaremos que a fachada de finissimo granito admiravelmente trabalhado é decorada com cinco bellas estatuas de alto valor artistico, representando as trez do alto da frontaria a Fé, Esperança e Caridade, e as duas dos lados da porta de entrada, a Innocencia, que se vê na gravura, e a Humildade.

É d'esta igreja que sahe a mais rica das procissões do Porto, chamada a da *Cinza* por se realisar n'esse dia, n'ella vão doze lindissimos andores com bellas imagens tudo obra de antigos artistas portuenses. Os paramentos e as alfaias são tambem de grande valor, affirmando-se que poucas igrejas ha em Portugal tão bem dotadas.

De muitos monumentos da cidade do Porto tem o nosso periodico offerecido aos leitores varias estampas; continuando a publicação de outras começamos este anno pelas que illustram o presente numero.

Da primeira já dissémos quanto nos permitia o exiguo espaço de que dispomos. Da segunda, o panorama geral da cidade do Porto, é difficil em poucas linhas tentar a sua descripção; apresentando tal estampa pretendemos simplesmente dar aos leitores uma ideia da grande cidade portueza, tão notavel na nossa historia, commercio e industria, tanta vez celebre como baluarte da nação lusitana; a invicta cidade d'onde teem partido opimas iniciativas que attestam o grande valor da sua população, a grande importancia da sua vida industrial, d'essa sua actividade que lhe valeu em tempos antigos tantos privilegios, hoje curiosos e interessantes, e que lhe dá hoje o direito de se comparar ás cidades mais trabalhadoras da Europa.

BONS CONVIVAS

No gracioso quadro que apresentamos aos nossos leitores vêem-se tres formosas creanças, que n'aquelle momento estão no mais fraternal convívio de uma refeição, a que tambem se associou o fiel companheiro das suas brincadeiras e correias, o Joli.

Nem em todos os rostos, porém, se observa a mesma satisfação, porque em quanto um dos convivas com o prato á bocca vae muito sem cerimonia bebendo o caldo, o rapazinho do lado segue attento o esvasiar do prato, receioso de não lhe chegar nada a elle, e maior é a desconfiança do mais pequenito dos tres, por vêr que os outros se appossaram do prato, a titulo de provar, e são muito capazes de lhe comerem tudo, sem deixarem, sequer, ao cósito o grato mister de lambar o prato.

Isto induz a pensar que aquelle fraternal con-

vívio não acaba bem, porque os mais velhos, abusando da sua superioridade, acabam por lograr o mais pequeno, comendo lhe a maior parte da refeição, e este não tendo outro desforço que chorar em altos berreiros, despertará a attenção da mãe, que preserosa correrá a saber o que tem o seu bebé.

Então cada qual fugirá para seu lado, em confusão, receiando o castigo, augmentando a bulha com o ladrar do Joli, saltando e correndo de um para outro lado como que a ralhar com os seus companheiros, que de resto o deixaram sem pe-tisco.

E aqui está como n'este pequeno quadro se dá uma lição da vida, da eterna ambição humana.

UMA PAGINA DA HISTORIA CONTEMPORANEA

VI

As honras da acção competem innegavelmente por parte dos liberaes a Manuel Joaquim de Menezes, commandante do corpo de Voluntarios da Rainha, composto pela maior parte de academicos. Entre esses academicos distinguio-se Nicolau Anastacio de Bettencourt, que foi depois governador civil da ilha Terceira, e cujo retrato mereceu ser collocado no Asylo de Infancia Desvalida d'esta cidade e no palacio da Camara Municipal da Villa da Praia, que hade lembrar aos presentes e aos vindouros as suas preclaras virtudes.

Folgamos de lhe prestar aqui esta homenagem, bem como a outro distincto academico que foi tambem governador civil d'esta ilha e benemerito reedificador da Villa da Praia, José Silvestre Ribeiro cujo monumento se ergue n'uma de suas praças em frente do Oceano.

Do officio do conde de Villa-Flôr sobre a acção do dia 11 de agosto, dirigido ao marquez de Palmella, e d'outras peças officiaes que temos á vista, se mostra claramente não só que o Conde de Villa Flôr reunindo o grosso das forças n'uma columna central a conservára consigo para decidir a victoria *marchando com ella sobre o primeiro ponto que fosse seriamente acometido*, mas que acudindo pelas 5 horas da tarde ao campo da batalha decidira definitivamente a acção.

Mostra-se d'este officio que na vespera da batalha o Conde de Villa-Flôr mandara formar uma columna, com algumas boccas de fogo para occupar S. Sebastião, e ordenára ao commandante do districto, á esquerda do da Villa da Praia, o tenente coronel de infantaria 16 Pedro José Frederico, puchasse a sua força ás alturas que dominam aquella bahia no seu lado esquerdo.

Mostra-se que ao romper do dia seguinte a esquadra querendo melhor encobrir o seu designio apparecera em frente da bahia ao O. d'Angra e Castello, mas ao aclarar completamente o dia, soprando-lhe o vento mais fresco, e ennevando-se o horisonte com aguaceiros, voltara-se subito de bordo, e rasando a costa, rapidamente surgira de improviso na bahia da Villa da Praia.

A proximidade da terra em que a esquadra favorecida pelo vento dobrára o Cabo da Praia, e a neblina e aguaceiros, que aquella hora offuscaram o horisonte, encobriram aos defensores da bahia todo o movimento da esquadra miguellista, e que, como acrescenta o mesmo officio, só pelas 11 horas da manhã, em que as nevoas se dissiparam e o vento serenou, se descobriu a nau Vasco da Gama, que fazia a vanguarda da esquadra, e isto ao tempo em que já entrava a bahia aroada á terra, e seguida por todos os navios da esquadra, á excepção de uma corveta deixada em frente do porto d'Angra.

O forte denominado do Porto romperá o fogo, e este foi logo respondido por uma banda de nau e mais navios da esquadra, a qual continuando seu movimento penetrou até onde o fundo lhe permitia, lançou ferro, colheu o panno e continuava sem interrupção a mais vigorosa canhonada.

O forte do Porto commandado pelo alferes de infantaria n.º 5, Simões d'Albuquerque, proseguindo no seu fogo com o maior acerto, enquanto o inimigo trovejava com pouco fructo sobre as baterias e trincheiras, fizera logo na nau consideraveis avarias, partindo parte do tombadilho e ferindo muita gente a bordo.

Fôra porém em vão que o inimigo com o fogo aturado de centenaes de canhões pertendera amedrontar os Voluntarios da Rainha, *que sós ainda se achavam atacados com tanta celeridade e violencia*. A attenção dos voluntarios sem embargo d'isso fixou-se sobre toda a linha, que lhes estava confiada, esperando com aquelle sangue frio

e subordinação que caracteriza os verdadeiros militares e que *honram os mais aguerridos*, o desenvolvimento da operação do desembarque.

Pelas 4 horas da tarde, continua ainda o mesmo officio, sem que o fogo de bordo descontinuasse um só momento, o inimigo lançára uma columna de tropa nas lanchas, accommettendo com rapidez e denodo a ponta onde existe o forte Espirito Santo, e aonde uma accumulção de penedos de bazalto e grossos montões de lava rolada, forma uma estreita assentada, na base de uma escarpa de pedra quasi vertical.

O major Menezes mandára immediatamente uma parte dos seus voluntarios a supportar este ponto, reunindo-se á força, que do districto immediato se postára juncto á base do forte; e estes valentes militares debaixo do fogo das baterias de bordo, e da metralha das duas canhoneiras que protegiam o desembarque, começaram uma viva e tambem dirigida fuzilaria que conseguiram fazer retroceder alguns dos escaleres, todos terrivelmente estragados; a maior parte porem da força inimiga, é ainda o conde de Villa Flôr incapaz de mentir, que o diz, arrojando-se atrevidamente e a todo o risco sobre os penedos, e trepando ao forte do Espirito Santo, que já se achava evacuado, conseguira lançar alguns homens no interior do mesmo forte, enquanto outros poucos, mais longe, conseguiram trepar a escarpa.

Era este, na opinião do conde de Villa Flôr, o projecto do inimigo que pretendia, assenhorando-se do forte e da crista da rocha, occupar com a sua força as alturas, afim de proteger as suas operações ulteriores; porem o valor dos Voluntarios malogrou este plano, por quanto trepando rapidamente ao cume que domina o forte, saltaram n'elle á baioneta, os precipitaram sobre os rochedos em que tinham desembarcado, e guarneceram a crista da escarpa.

Dr. A. M. de Tavora.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

XII

ANEODCTAS DOS POSTOS AVANÇADOS. — O PIQUETE DE BLANCHEZ-SANCHEZ

Li, por acaso, ha tempos, a narração minuciosa do modo porque, na villa de Blanchéz Sanchez, a 25 de julho de 1812, uma patrulha de cavallaria, commandada por um cabo, conseguira apoderar-se de um piquete francez, no momento em que, dizia o auctor: — «os soldados folgavam na taberna.»

— Desde logo, formei tenção, assim que largasse o serviço activo, de publicar veridica e circumstanciada exposiçáo do caso; com o intuito, não sómente de fazer ampla justiça ao procedimento da referida patrulha, cujo commando me fora confiado, como tambem de prestar merecida homenagem ao regimento em que me coube a gloria servir, durante 34 annos; que acompanhei, em 1808, na expedição ao reino de Portugal, e em cujas fileiras tomei parte na campanha toda da Peninsula, desde a passagem do Douro, na barca de Avintes, a 12 de Maio de 1808, até á batalha de Toulouse, em 1814, e com o qual embarquei depois para a America do Norte e me achei na acção campal, ferida defronte de Nova Orleans, no dia 8 de janeiro do anno de 1815.

Fazia alto em frente de Arévola, a 25 de junho de 1812, pela volta da uma hora do dia, e ali mesmo acampava, uma brigada composta do 1.º de hussares allemães e do 14 de dragões ligeiros.

Immediatamente expediui patrulhas a rondar os diversos caminhos, e coube-me por sorte o commando de uma das mesmas, que consistia em quatro praças do 1.º de hussares allemães e outras quatro do 14 de dragões. Receberamos ordem de avançar até avistarmos Blanchéz Sanchez e de averiguar se acaso o inimigo estaria occupando a dita villa, ou se andaria por ali perto. Teriamos caminhado cerca de duas léguas, eis que chegamos a uma aldeiola cortada a meio pela estrada. Fizemos alto, e indagamos do alcaide se sabia alguma coisa com respeito ao paradeiro do inimigo. Affirmou-nos aquella auctoridade que por informação fidedigna lhe constava estarem os francezas em Blanchéz-Sanches, povoação distante d'alli obra de duas leguas.

Como viessem muito cansados os cavallos e a distancia fosse maior do que haviamos calculado, eu estava ansioso por dar, quanto antes, de comer aos pobres animaes; e attendendo a que o bom do alcaide se desfazia em protestos da mais

pura lealdade para com as tropas britannicas, requisitei-lhe que nos arranjasse, caso possível fosse, uma pouca de forragem com que podessemos restaurar aos nossos estafados cavallos, as perdidas forças. Afirmou-nos que ia, desde logo, dar providencias n'esse sentido, e effectivamente, dentro em pouco, estando nós sentados a deslançar na praça do logarejo, para ali trouxeram as forragens pedidas. Poste de atalaya na torre da egreja uma sentinella, desaparelhamos os cavallos, e deitámos-lhe a ração. Assim que acabaram de a comer, puzemos o pé no estribo e abalámos por ali fóra.

Destaquei tres praças, para a frente, para a di-

desappareceu de todo, por detraz do cabeça em que estivera formada. A toda a pressa montámos a cavallo; atravessámos a galope o acampamento, onde crepitavam ainda, aqui e acolá, alegremente, as fogueiras acendidas com a lenha feita das mobílias roubadas ás casas da povoação. Fomos em direitura ao lado da aldeia por onde tinha sahido a columna, na esperança de nos apoderar-mos de alguns desgarrados. Cumpre aqui observar que Blancher Sanchez é uma aldeola consistindo em uma unica rua, e está situada em terreno chão, sem muros, sebes ou valados que a defendam. Seguimos de vagar e acautelados pela rua fóra, quando, ao voltár-mos á direita, eis que lobriga-

manter activo tiroteio, afim de convencer o inimigo de que vinhamos em força muito superior áquella de que effectivamente dispunhamos, e só podesse responder ao nosso fogo assaz vivo, com um ou outro tiro desgarrado.

Postára-me de fronte da caza, dando d'ali as vozes de commando á minha gente, e ficava-me fronteira ao hombro direito a janella de um quarto de cama ao rez do chão; eis que de subito assomma á mesma o vulto do official que estivera agachado por detraz do parapeito, e me dispára, á queima roupa, um tiro de pistola, tornando em seguida a sumir-se. N'um abrir e fechar d'olhos enlio o braço direito pelo caixilho despedaçado,

quem saíra d'ali com vida. Devolvidos poucos minutos apparecem de novo o hussar e o official a participar-me que os homens não duvidavam entregar-se, — comtanto que eu lhes consentisse o conservarem as malas, — ao que annuí. Conventcionara-se, havia muito, entre os dois exercitos belligerantes — e era uso constante — que todo aquelle que cahisse prisioneiro entregaria tudo quanto consigo levasse; a entrega nos termos pedidos estabelecia pois uma excepção, que cumpri punctualmente.

Intimei os prisioneiros a que deixassem as espadas no pateo, sahindo da casa, um a um, trazendo cada qual de redea o seu cavallo, atravez do

semcerimonia, uma palmada no hombro despedime com desassombro um «*Bonjour Anglais*». Dei rapidamente meia volta ao cavallo, deitei-lhe mão á espada, que arranquei da bainha, e dei-lhe voz de preso. Volvendo um olhar de espanto para o official que eu levava prisioneiro, exclamou «*Mon Dieu!*» porém, como eu não tivesse vontade, nem tempo, para explicações, intimei-o a que nos acompanhasse. N'este comenos apparece o impedido do coronel, á frente de duas azemolas de carga, e, com mais este contrapeso á tomadia, viemos recolhendo a quartéis. Seriam para ahí sete horas da tarde, quando sahiamos de Blancher Sanchez. O coronel veio-me contando pelo caminho, que

se ha mais de dezoito annos, sempre interessante pelos assumptos que apresenta, e sempre variada pela boa escolha que o seu illustre fundador e habilissimo artista, faz dos artigos que enriquecem as suas paginas.

E que pena sentimos nós de não serem os nossos escriptos os que mais captivem a attenção do leitor, ou antes: os que estejam mais no caso de pedirem a annuencia de quem os publica e a benevolencia de quem os lê!

E' certo que a descripção biographica de qualquer jornal não interessa a muitos leitores e torna-se por vezes massadora, mas para alguns não deixa ella de ser summamente curiosa e até util. A



PANORAMA DO PORTO

(Copia graphia)

reita e para a esquerda; respectivamente todas tres a 50 jardas de distancia; com ordem de fazerem alto, caso avistassem povoação, ou tivessem indício para suspeitar a presença do inimigo. Foram marchando as vedettas na ordem indicada, até que chegaram a um alto, d'onde se avistava a aldeia de Blancher Sanchez, e pararam.

Acenei-lhes para que retrogradassem e viessem reunir-se á patrulha; e assim que tal fizeram apeiamos-nos todos. Fui andando um pedaço até ao alto da ladeira e d'ali devisei, para léste da aldeia, uma columna de infantaria, fazendo exercicio de parada. Esperámos, a pé, cerca de 15 minutos, que terminasse a inspecção a que estavam sendo submettidas as tropas, finda a qual, a columna rompeu a marcha, tomando para a mão direita, enfiando pela estrada de Madrid, e em breve

mos tres dragões a pé, que sahem a correr de um campo de cevada, onde tinham andado a apunhar forragens, e que indireitam para uma casa, isolada no meio da chá. Démos de redea aos cavallos e despedimos a bom galope atraz d'elles, até que os agarrámos. A casa era toda cercada com um muro que ia até á altura das empenas e formava um pateo, com telheiro e curral de gado nas trazeiras; tinha uma só porta na frente, serventia commum onde vinha desembocar um extenso e estreito corredor.

Encontrámos a porta fechada e trancada, e tivemos de a arrombar a tiro de clavina. N'este comenos, quiz o acaso que estivessem os dragões inimigos deitando a ração aos cavallos, e tratando do demais serviço nocturno.

Mandei fazer pontaria ao fundo do corredor e

apontolhe ao esconderijo a pistola engatilhada, e o homem exclama logo *Prisoner Anglais!* «Ordenei-lhe que se erguesse e me entregasse a espada e a pistola e immediatamente obedeceu. Cumpre-me observar que o aposento tinha apenas sahida para o corredor, e que portanto, á minima tentativa de fuga, o official teria cahido varado pelas balas das clavinas.

Mandei apear um hussar allemão que fallava francez correntemente e ordenei-lhe que acompanhasse o official até ao pateo a fim de intimar o piquete a entregar as armas, afirmando-lhe que a brigada de cavallaria estava á vista, e que eu insistia em que se rendessem immediatamente e sem esperar que ella chegasse, e estava firmemente disposto, em caso de recusa, a deitar fogo ao casebre (cuja cobertura era de colmo) e que nin-

estreiro corredor; e que entregassem cá fóra as armas de fogo a um dos meus dragões que mandei apear e postar em frente da porta, o qual á medida que ia tomando entrega das clavinas, lhe partia as coronhas, e as atirava para o chão. Quando sahiram todos pela ordem indicada, vi que prefaziam, ao todo, vinte e oito cavallos, que mandei formar a quatro e quatro, com os estribos por cima dos selins. Reparti a patrulha pelos flancos ambos, e eu, mais um soldado, formámos a rectaguarda. O commandante do piquete, um tenente, veio a cavallo ao pé de mim, mas, á cautella, fui-lhe caçando as redeas para a minha mão.

Mal tinhamos rompido a marcha, eis senão quando, dá de cara comnosco um coronel francez, montando em sellim raso; toca o cavallo para a minha direita, e batendo-me, com toda a

suppusera vimos prisioneiros — que tomara a dianteira a uma columna em mancha para Blancher Sanchez, circumstancia allás confirmada pela nuvem de poeira que se levantára, lá ao longe, na estrada.

(Continua.)

Spectator.

O DIARIO DAS CORTES

A'cerca d'esta publicação periodica nada ha escripto, e grande trabalho nos deu a colhermos os dados historicos que hoje vamos transpôr para a revista illustrada o OCCIDENTE, illustração que, com esforços inauditos, verdadeiramente extraordinarios no nosso paiz, tem podido sustentar-

historia do jornalismo lucra com estas investigações e o que ás vezes julgamos desnecessario e de pouca importancia torna-se, com o correr dos tempos e com as novas formulas que nos traz o progresso, de absoluta necessidade e de imperioso dever o pesquisal-o attentamente e apresental-o aos olhos do publico estudioso e indagador.

N'alguns dos antecedentes numeros do OCCIDENTE tivemos o prazer de publicar o resultado nos nossos estudos com respeito ás folhas officias do governo portuguez a *Gazeta de Lisboa* e o *Diario do Governo*.

Se essas monographias foram bem ou mal recebidas dos leitores d'esta revista, ou mesmo, se ellas passaram pela feira da indifferença, não o sabemos.

Hoje alguém nos aconselha a que prosigãmos

e a isso nos propomos traçando algumas despreziosas linhas do que podemos obter com relação aos *Diarios das Camaras dos Senhores Deputados e dos Dignos Pares do Reino*. Seremos no entanto breve para não fatigarmos aquellos que nos derem a honra de nos ler.

O nosso *Diario das Côrtes* teve origem com o estabelecimento do systema parlamentar em Portugal em 1820.

O 1.º numero appareceu em 27 de janeiro de 1821. Veiu com este titulo :

DIARIO DAS CÔRTEES GERAES EXTRAORDINARIAS
E CONSTITUINTES DA NAÇÃO PORTUGUEZA

A publicação seguiu assim denominada até 4 de novembro de 1822, data da ultima sessão das famosas côrtes constituintes promovidas pela revolução liberal de 1820. O todo forma sete volumes com 6:876 paginas, sendo os quatro primeiros de paginação seguida, findando em 25 de janeiro de 1822, em pag. 3:855, e contendo os volumes V, VI e VII, 1:031, 1:010, 980 paginas.

Era então o *Diario das Côrtes* dirigido por uma commissão parlamentar que presidia á sua publicação, venda e administração, sendo a parte tachygraphica dirigida pelo subdito hespanhol D. Angelo Ramon Marti, que, para o ensino da stenographia no palacio das Côrtes tinha vindo expressamente de Madrid, convidado pelo governo portuguez, sendo-lhe desde logo arbitrada a gratificação annual d'um conto de réis. Para redactor do *Diario* foi nomeado Nuno Alvares Pereira Pato Moniz com o ordenado de 1:600\$000 réis.

A publicação do *Diario das Côrtes* começou desde logo a atrazar-se, e a tal ponto chegou esse atrazamento que produziu murmurios na camara. Essa irregularidade era ainda aggravada com — «a falta de exactidão nas discussões, grandes lacunas na descripção das sessões, suppressão de discursos interessantes, disparates de locução e até erros notaveis de grammatica!».

De modo que se gastava então com o *Diario das Côrtes* 5:460\$000 réis. Dava-se a um redactor 1:600\$000 réis, a um administrador 800\$000 réis, a sete tachygraphos 2:600\$000 réis e a quatro escripturarios 960\$000 réis.

O deputado Borges Carneiro insurgiu-se contra tal despeza e na sessão de 14 de julho de 1821 apresentou uma proposta para que se rectificasse a administração do *Diario* porque — disse elle — estava-se dando o escandalo de se dar quatro mil cruzados á preguiça d'um redactor que cortava falas inteiras e reduzia o mais possivel as discussões da camara.

Respondeu fallando contra a proposta o deputado Pimentel Maldonado, que pediu para que se nomeasse uma commissão encarregada de estudar este assumpto, o que foi approvedo pela camara, sendo eleitos para essa commissão os deputados: Henrique José Braamcamp de Sobral, Rodrigo Pereira da Costa, Bento Pereira do Carmo, Frederico de Paula Tavares, Manuel Alves do Rio.

Essa commissão devia apresentar á camara os meios mais efficazes de se organizar um plano de redacção do *Diario das Côrtes*, bem como de redução nas despesas e melhoria na publicação e venda do mesmo *Diario* (*Diario da Camara* 1821, pag. 1858-1861).

Em 2 de novembro a referida commissão apresentou o seu plano da reforma, datado de 20 de julho de 1821, que foi desde logo approvedo pelo congresso. O plano estabelecia dois redactores, cada um com o ordenado de 800\$000 réis, quatro tachygraphos com o de 600\$000 réis, quatro ditos secundarios, tres escripturarios e dois serventes, devendo a despeza ser paga pelo thezoureiro da camara. O 1.º tachygrapho, D. Angelo Ramon, ficou com o ordenado que lhe havia sido arbitrado no seu contracto.

Pato Moniz, ao pedir a sua exoneração de redactor do *Diario das Côrtes* desculpou-se com o seu pessimo estado de saude, que não lhe permittia continuar n'esse serviço, mas nem por isso deixou de dar uma formidável trépa nos seus detractores publicando no *Portuguez Constitucional Regenerado*, de que era redactor, um notavel artigo em que tentou destruir as accusações de que fôra victima na camara.

Disse elle, ao combater os seus adversarios: — que redigindo o *Diario das Côrtes* desde 7 de fe-

vereiro (publicando n'esse dia o primeiro numero, datado de 27 de janeiro de 1821) até ao numero 109, em 24 de julho, decorreram 167 dias, nos quaes se publicaram 1:314 paginas in-folio, ou 328 folhas de impressão, o que equivale a duas folhas por dia, significando já — accrescenta elle — um bom trabalho, e que ás vezes o *Diario* sahia com erros por causa das más notas tachygraphicas, tomadas tumultuariamente, e dos proprios srs. deputados, que nunca restituíam a tempo os seus discursos.

Não sabemos se estas desculpas foram recebidas de boa sombra pelos deputados que mais persistentes se tornaram no ataque dirigido ao notavel poeta e jornalista, o que vemos é que a sua demissão não se fez esperar sendo-lhe dada em fins de julho do referido anno.

Poucos dias depois da demissão dada a Pato Moniz foram nomeados redactores do *Diario das Côrtes*, Innocencio da Rocha Galvão e Theotonio José d'Oliveira Velho.

* * *

Em 1822-1823 sahio o *Diario* com o titulo :

DIARIO DAS CÔRTEES DA NAÇÃO PORTUGUEZA

Trouxe as sessões da 2.ª legislatura contadas de 15 de novembro de 1822 até ás memoraveis de 30 e 31 de março e 2 de junho de 1823. N'esta ultima vem o protesto dos representantes da nação contra o restabelecimento do absolutismo e dos chamados *inaufferiveis direitos* pela Villafrancada e por conseguinte por toda e qualquer modificação que se fizesse na constituição de 1820.

As duas collecções do *Diario das Côrtes* n'esta primeira época do constitucionalismo, consta de 10 volumes, dos quaes os primeiros sete são das côrtes extraordinarias e constituintes.

Aqui finda a primeira época do *Diario da Camara dos Deputados*; a segunda abriu com a outorga da Carta Constitucional, como no seguinte artigo diremos.

(Continúa).

Silva Pereira.

UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

IX

(Continuado do n.º 609)

Está por escrever a historia da vida nacional, dos nossos costumes, n'uma palavra, da civilização portugueza. Dispersa nos documentos manuscritos, nas obras d'arte, nos museus, nas collecções particulares, nas grandes bibliothecas e archivos do Estado, ahí continuará a fazer, sem que possamos vel-a erguida em toda a sua grandeza, até que o espirito nacional, saciado das discordes e egoistas charmelas das facções politicas, queira escutar a grande e eloquente voz da patria.

E' tarefa para muitos a reconstrução d'essa imagem dos antigos tempos. Um só artista, por mais altas que sejam as suas faculdades, por maior que seja o seu talento, poderá delinear a, traçar-lhe o contorno, mas não levará a cabo o monumento, executará, quando muito, um fragmento d'essa obra collossal. Parece-nos, porém, que se approximam os tempos da sua realisação, e fazemos votos porque surjam os grandes, os geniaes architectos do que deve vir a ser um formoso monumento.

Eram mui diversos dos da actual os costumes da sociedade portugueza no seculo XVII—em muitos pontos eram até contrarios. Um povo guerreiro e conquistador, como o nosso, creado e educado desde seculos nas aventuras do mar e da terra, devia ter, e tinha, uma forte individualidade, e com ella a consciencia da sua força e do seu valor; apreciava sobretudo a virilidade, a valentia dos que, pela sua posição social, eram naturalmente chamados a commandar; por isso os nobres, na idade em que nós hoje enviamos os nossos filhos para as escolas, mandavam os seus para a guerra. O conde de Sarzedas, aos quinze annos, fez a campanha de Olivença! Os exemplos eram antigos, e vinham de alto. D. João II — o nosso — tinha vinte annos, quando commandou, em Hespanha, a ala do exercito de Affonso V, que ficou vencedora na batalha de Toro!

São defeitos os extremos das qualidades, e por isso eram então frequentes entre nós os duellos, os desafios, como mais propria e portuguezmente se dizia. E tão frequentes, que bem justificariam o trocadilho que, á moda do tempo, alguém com essa palavra fizesse—dez a fio. Nem era de admirar, que, andando todos armados, na paz da vida cor-

teza, como se partissem para a guerra, recorressem ás armas nos casos em que a maior razão é a força, e a propria justiça sem ella fica vencida. Nascem os valentes, como os poetas, mas fazem-se os poetastros e os espadachins. Abundavam uns e outros. Nobres e plebeus, nomes illustres, das mais illustres familias, e outros apenas conhecidos nas genealogias, apparecem nos, a todo o momento, figurando, como protagonistas de scenas tragicas, aqui no continente, nas expedições maritimas, e nas terras d'além mar. O ponto de honra impera despoticamente, e não valem contra elle nem os decretos comminatorios dos reis, nem as penas espirituaes da Igreja! N'este caso podiam, e podem, ainda hoje, mais os costumes do que as leis.

* * *

Conhecemos dos estrangeiros os seus mais celebres duellos — antigos e modernos, narram-os os seus romancistas, contam-os as suas chronicas e memorias: temos, porém, na nossa historia, alguns que, por menos conhecidos, não são por isso inferiores aos mais apregoados lá fóra. Era raro não acabarem estas pendencias tragicamente, fosse pela insufficiencia da esgrima, fosse pela impetuosidade e furia dos combatentes. E esses duellos tornavam-se, por assim dizer, duellos sem testemunhas, duellos de morte, por que os padrinhos batiam-se tambem, e se os adversarios levavam, cada um dois padrinhos, a lucta não era de dois, era de seis!

O coração d'essas gerações batia mais apressado que o nosso: nunca devemos esquecer-o. E esse coração estava na aristocracia — tambem o devemos lembrar. O orgulho e a vaidade andavam sempre em jogo, e eram enormes as suas pretensões: devia ser exaggerada a sua sensibilidade, melhor diríamos a sua susceptibilidade. Um argueiro? Um cavalleiro! «Por leves desconfianças» — por motivos futeis! — é com estas phrases que os nossos escriptores principiam, geralmente, as narrativas de taes recontos, quasi sempre fataes. Era isto sempre verdade, ou discreta reserva, que lhes continha a penna? Uma e outra coisa seria, que as paixões do homem são as mesmas em todos os tempos, e d'ellas se geram os motivos para taes desafogos.

Da justeza das allegações dos chronistas e historiadores só poderão attestar ou contestar os depositarios das tradições das familias, cujos antepassados foram, a um tempo, auctores e actores d'essas tragedias. Se as causas do desaggravo foram justas, só esses o poderão hoje dizer, se o soberano, e se o orgulho, o respeito pelo bom nome da sua casa, lhes não impozem, como aos contemporaneos, o silencio sobre as origens e as razões do conflicto.

Desafio famoso, entre todos, foi o dos Alvitos, durante o cerco que o nosso exercito poz a Badajoz, em 1658. O motivo? Ignoramos qual fosse. «Por levissima causa» — diz o conde da Ericeira — se desafiaram o barão d'Alvito, D. João Lobo, e seu irmão D. Francisco Lobo com Luiz de Miranda Henriques e D. Vasco da Gama, que assistiam no quartel de S. Gabriel. Todos juntos chegaram ao quartel da Côte, e atravessaram o Guadiana. Não foram discretos, ou veio com elles a noticia do conflicto e do intento que traziam, e Joanne Mendes, que commandava o exercito, ordenou a D. João da Silva, tenente general da cavallaria, que os seguisse e os trouxesse presos. Partiu este á redea solta com alguns soldados, que juntou á pressa, mas, apesar da diligencia, chegou tarde. Palpitantes, nas vascas da agonia, achou estendidos no campo o barão, D. Francisco, e Luiz de Miranda Henriques! Dos quatro ficara vivo só D. Vasco, que se retirou com muitas e perigosas feridas!

«Não se poderam nunca averiguar as circumstancias d'este successo; porque D. Vasco e Luiz de Miranda, que foram os desafiantes, receberam muitas feridas da mão do barão e de D. Francisco, e os dois irmãos morreram só de uma ferida, cada um d'elles, no hombro direito.» Isto diz o conde da Ericeira no seu *Portugal restaurado*.

A *Historia genealogica*, citando á margem a obra do conde, narra o caso semelhantemente, e só diverge em dizer que D. Francisco Lobo e Luiz de Miranda eram padrinhos. D. Vasco fora o provocador.

Todos muito conhecidos e estimados, na côrte e no exercito, pelo seu provado valor e merecimento, o barão d'Alvito era Mestre de Campo, e o mesmo posto occupava na infantaria Luiz de Miranda, senhor de Ferreiros e de Tendaes. D. Vasco da Gama era capitão de cavallaria e primo do barão: tinha apenas vinte e quatro annos. Este retirou-se para Inglaterra, e d'ahi, em 1660, passou á India. Andou ajuizado. Exilou-se, ou, para melhor dizer, fugiu, antes que o prendessem e para lá fosse degradado. E ahí falleceu, sem descendencia.

A singularidade — que não escapou ao Ericeira

* Que nos perdoe a memoria do notavel poeta, mas temos a dizer que quem accusa assim, tão descaradamente, estas faltas, é a propria commissão que o parlamento nomeou para as syndicar.

— de serem ambos os Alvitos mortos, com o mesmo golpe, no hombro direito, faz suppor que D. Vasco, inferior aos dois irmãos no jogo da espada, vendo-se ferido e perdido, recorreu a um *coup fourré*, para se desfazer dos adversários. Sobre o caso sentenciaram os mestres da arte.

A nós impressiona-nos sobretudo a furia com que esses homens se acometeram, o seu feroz encarniçamento; porque só isso explica a brevidade da lucta e os seus funestos resultados.

E tudo isto — tres mortes — por uma levíssima causa!

No meio de uma sociedade em que o duello estava — como hoje se diz — na ordem do dia, é natural que um homem como D. João de Castro os tivesse, mesmo sem os procurar. Pois bem, entre tantas aventuras, que d'elle contam as *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, não figura um unico desafio! E' de pasmar! Teriam todos medo d'elle, para o provocarem, ou acharia elle o processo longo, para se desaffrontar? Que elle não hesitava deante das maximas violencias ja o sabemos, e vamos agora novamente vel-o n'uma empreza, de que se encarregou.

Era o caso de honra, e singular o modo porque o offensor queria dar satisfação ao offendido. Dos nomes não reza a historia, que diz assim:

Tratou um homem uma mulher casada (pouco valia a joia, que a mulher que não tem honra não tem valia, mas ha tão infames genios, que gostam do mais vil): pediu o aggressor ao offendido perdão do furto com a restituição da honra e da divida (como se fosse tão facil a restituição da honra como o perdão da culpa); achou a diligencia resistencia no agravo, e aborrecimento na cobrança.

Sendo difficil o accordo, D. João tomou sobre si realisal-o. Foi, porém, infeliz na negociação, porque o offendido recusou-se decididamente á transacção; mas, como elle não admittia resistencias, não podendo convencer-o, espancou-o! Devia ser pessoa de estimação a victima, porque o infante D. Pedro, sabendo do facto, ordenou que prendessem o Castro.

D. João não concordou com a ordem do Regente, e resistiu ao ministro que lh'a foi intimar — quero dizer — espancou-o tambem. Este procedimento augmentou no Principe o furor, de sorte que o mandou metter na Torre de Belem, carregado de ferros! A fortuna ou a boa sombra, que o tinha protegido nos casos das mortes do capitão da Chamusea e do marquez de Sande, abandonou-o n'este momento. E' porque n'aquelles dois crimes os offendidos foram dois particulares, emquanto d'esta vez as circunstancias tinham mudado — o offendido era o proprio Regente! Passou-se isto em agosto de 1669.

O leão estava, finalmente, na jaula! Por quanto tempo, já o veremos.

(Continúa)

Zacharias d'Aça.

A RAINHA DE ESCOSSIA

SCENAS DA VIDA ARTISTICA POR S. ADELUNG,

Que extraordinaria agitação, que azafama, que reboliço não iam ahí por essas ruas da nossa velha cidade, a mais pacata e socegada de quantas capitães de provincia falam a lingua alemã! — Uma exposição regional, nem mais nem menos, com uma secção especialmente dedicada ás bellas artes, e as competentes medalhas de ouro e de prata, afora outras recompensas e vantagens.

Eis ahí está porque motivo os estimaveis burquezes, meus patrios, abrindo excepção nos seus habitos sedentarios, atravessavam a todo o instante a rua, estugando o passo e gesticulando com desusada animação; e porque razão a classe commercial em peso dava mostras de tanta vida e de tão descommunal actividade. — E pela Escola das Artes, o que ia! — fazem lá ideia!

Desde que a grande noticia viera á luz do dia, não havia, entre a mocidade esperancosa que a frequentava, um caloiro sequer, que, durante essa quinzena mais chegada, não levasse as santas noízes todas a sonhar com medalhas, do mais rutilante e fino oiro, cada uma do tamanho da mó d'um moinho, as quaes, girando no espaço, lhe piscavam de vez em quando o olho, e depois se sumiam, deixando ver, lá muito ao longe, em visão radiante, paradística, os vultos allegoricos da fama, da popularidade, da riqueza.

Ah! grande coisa é a mocidade.

Eu concluirei, tempos havia, o meu curso na Escola de Pintura e alugára um *atelier* no qual m'instalei a trabalhar, continuando, porém, a fre-

quentar com relativa assiduidade a Escola e a manter amigaveis relações com o meu ex-professor, a quem devo o que sei, que foi para mim mais do que um amigo, — quasi que um segundo pae: pois teve sempre, e tem ainda, inabalavel confiança no que elle chama o meu talento, — e oxalá que outra tanta eu tivera!

Uma bella manhã — espalhára-se na vespera a grande nova — eis que me entra, pela porta dentro, o meu estimavel professor.

— Umbach! — exclamou, você bem sabe a conta em que o tenho, e desde já o previno que, se não trata de apanhar o premio de honra, tem de me ouvir!

— Eu? — retorqui; e, assaz encolhido cheio de confusão, tentei de disfarçar e, com fingida indiferença, abaixei-me a pretexto de apanhar um lapis que me cahira no chão.

— E's dos taes que, sem que o saibam, trazem o bastão de marechal na mochila! — atalhou o meu mestre, e a sua physionomia, tão característica e incisiva, assumiu expressão energica, mas de extrema sympathia. — Você apanha-o com certeza, o ponto está que queira; e, se assim fôr, repito, será para mim um grandissimo alegrão!

— A quem o premio vai parar é ao Wolkow... tão certo!... repliquei, com modo evasivo e sem me atrever a olhar para elle, de frente.

Impacientou-se, e senti que sobre mim pairava o poder magnetico dos seus olhinhos pardos, vivos e penetrantes.

— Ora que você nunca ha de ter emenda! — vociferou. — Quer então que os novos lhe passem todos para diante?! Resolva se uma vez, ao menos, a confiar nos proprios recursos, a emprehenda, afinal, trabalho á altura do que sabe e do que pode! — e desde já lhe digo — e isto em tom claro e positivo, que não quero que o primeiro premio vá parar a pintor de fóra.

Disse, e, sem esperar pela resposta, elle ahí vai pela porta fóra, como um foguete!

Mofina e arreliosa exposição! Se houve época na minha vida, em que eu me sentisse de veras penetrado de intima resolução; possuido de ambição nobre e elevada, essa época foi, sem duvida alguma, a quinzena que precedeu a noticia do projectado certamen: — e agora, porém, quão differente era o meu estado! A inquietação e o desalento apoderavam-se mim, e, d'alma e coração desejava que semelhante ideia não fosse avante.

No entanto, permanecia firme em minha resolução. Fosse qual fosse o resultado, eu queria pintar o meu quadro — esse quadro cujos minimos pormenores eu via tão claros e tão patentes aos olhos de alma, como se da minha janella estivesse observando o que se passava na rua. Queria, a todo o transe, leval-o a effeito, pois sentia que, se o conseguisse realisar, tal qual a imaginação m'o representava a todo o instante, produziria, infalivelmente, um bom quadro. — Era como se já o tivesse dado por concluido.

Eu via aquella figura airoza e delicada, tão distinctamente como se viva estivesse, o oval tão puro do seu rosto meigo, o olhar terno, profundo, intenso em que ella envolvia o mancebo gentil que trajava, com tanto garbo e elegancia, o gibão de veludo golpeado de setim, e que, apoiado o joelho sobre riquissimo coxim de brocado de oiro, sobraçava o alaude, erguia a cabeça e fitava na sua deidade aquelles tão vivos e brilhantes olhos de meridional, que imploravam, arrazados de agua. O donzel cessara de tanger o instrumento, a mão, porém, dedilhava ainda as cordas. Ambos pareciam embevecidos em muda contemplação — adivinava-se, comtudo, que dos labios de ambos estava prestes a soltar-se uma palavra, e que essa palavra, era uma confissão de amor.

Para encurtarmos razões, dir-lhes-hei que a desditosa Maria Stuart, rainha da Escocia e Rizzio seu amante, haviam, desde longos mezes, tomado posse da minha imaginação. Afigurava-se me que ambos, ansiosos, estavam á minha espera, para lhes quebrar o encanto e soltar os do captiveiro; e agora, pela vez primeira na minha vida, experimentava, finalmente, uma forte, intima e alegre confiança. — Sim, até meu proprio tio viria afinal a concordar que em mim havia um pintor de raça — e, acabando por se desdizer, retiraria os seus tão desanimadores vaticinios.

Este subito alento, esta revelação de energia latente, que em mim mesmo observava, derramavam em todo o meu ser como que uma onda de contentamento, de tranquillidade. A minha preocupação unica era encontrar modelos adequados á realisação da minha grande obra; e, eis senão quando, me rebenta aos ouvidos essa bomba terrivel — a noticia da proxima exposição! Outro que não fosse eu sentir-se-hia, em vista do contemplado ensejo, animado de nobre emulação: a mim, porém, vinha quebrar-me as azas, e como

que desprestigiaria o encanto do meu projectado quadro, mesmo antes de eu ter pensado em dar começo á tentativa.

Eu não ambicionava a medalha de oiro, que me importava a mim o publico, essa multidão de indifferentes? — O que eu queria era pintar o meu quadro, a minha primeira obra grande, importante, unicamente para satisfação do meu intimo e ardente desejo — para contentamento dos meus bons amigos e collegas e... para tapar a bôcca a meu tio.

A minha nobre inspiração, vê-la a servir de pasto a essa turba-muita boqui-aberta e boçal, que frequenta as figuras de cêra e as collecções de alimarias! — Ideia abominavel, repugnante! E d'ahi a medalha de oiro era para o Wolkow... isso, tão certo!... para que havia de eu, então, estar-me a cansar?

N'este comenos, batem-me á porta, e entra por ali dentro o sobredito.

— *Lupus in fabula!*... falae no máu... , exclamei; — estava agora mesmo a pensar em ti.

— Deveras? replicou Wolkow. Oihá lá meu caro Hans, escusado será dizer que, succeda o que succeder, nós dois... como até hoje; será como se fossemos um só. Um de nós hade apanhar o premio — os outros não entram no rol.

— Ha mais pintores na nossa terra.

— Ora! quem são elles? Esse velho caturra do Kolbe, que anda, ha cinco annos, a pintar a sua Penelope, e que tanto se enfronhou no assumpto que, quando a gente cuida que vai dar o quadro por acabado, torna a raspar tudo... e, vai d'ahi, carga de tinta para cima, outra vez? — Quererás talvez metter no rol esse grande magico do Lang? Esse não falha á exposição... olha quem! e não é homem que se contente em mandar uma cabeça de estudo — é contar com meia duzia d'ellas, pelo menos.

Rudolfo Lang, por alcunha, entre nós, o *Rodovallo*, era, de todos os nossos collegas da Escola, o mais antigo. Terminara o curso, havia mais de dois annos, mas continuava a frequentar; em parte por paixão, e tambem por operosidade natural, e muita força de vontade, era, de todos nós, o mais assiduo á classe de pintura. Ali, todos os dias que Deus deitava ao mundo, era elle o primeiro a entrar e sempre o ultimo a sair — a dar-lhe, que dar lhe, sem descanso — a pintar as suas cabeças de estudo; e jamais houve professor que conseguisse desviar-o do seu methodo tão singular e extravagante, dos processos de pintura tão absolutamente pessoas, que adoptára. Lang começava invariavelmente a pintar qualquer cabeça do meio para os pontos extremos. Vêl-o desenhar lembrava o processo d'algumas d'essas antiquissimas gravuras tão curiosas. Principiava, em geral, por pintar o olho esquerdo, que reproduzia com acabamento e minucia taes, que o destacava sobre a tela nua, branca, communicando-lhe a completa impressão do seu intimo sentir, e só depois passava a occupar-se do olho direito, e assim ia gradualmente copiando e levando a effeito as outras feições do modelo.

Estavamos todos já habituados a esse extraordinario, expressivo e profundo *olho esquerdo* do nosso excentrico *Rodovallo*; para qualquer estranho, porém, que, pela vez primeira, o contemplasse, seria objecto do maior espanto; — aquelle olho perseguiu-o-hia por toda a parte, chegaria até a vel-o em sonhos.

As cabeças de estudo de Langs eram, emquanto á fiel e exacta reproducção, retratos de espantosa semelhança; infelizmente, porém, a execução, sempre dura, rigida, fazia lembrar cabeças de madeira; á sua pintura faltava invariavelmente o principal elemento — a vida.

(Continúa.)

Pin-Sel (trad.)



Recebemos e agradecemos:

Os Albergues Nocturnos de Lisboa, associação de que é presidente S. M. El-Rei o Sr. D. Carlos I. V. Lisboa, 1895.

Recebemos este relatório, respeitante ao anno de 1893-1894, o qual nos offerece claramente indicações definidas do estado da prestimosa associação dos *Albergues Nocturnos*.

Os documentos que n'elle se podem lêr dividem-se; nos de movimento e proveniencia dos albergados; receita e despeza; balanço fechado

em 31 de dezembro; haveres da Associação; bemfeitores e benefícios; socios effectivos e honorarios; donativos; etc.

Ainda o illustre relator, o nosso distincto amigo sr. Conde de Valenças, incluiu no presente relatório a copia do livro dos visitantes e o resumo estatístico e comparativo do movimento dos albergados desde novembro de 1881 até dezembro de 1894, o que offerece alto interesse e valioso subsidio para o estudo da nossa população desprotegida e outros dados deveras curiosos, como as profissões, habilitações litterarias, causas que os levaram a procurar abrigo, a sua idade, estado, emfim, as mais preciosas indicações que um economista pode desejar.

Terminando esta rapida noticia acerca de tão bem elaborado relatório, transcreveremos aqui para nosso orgulho e evidencia da utilidade de tão prestimosa instituição, as lisongeiras palavras que alguns illustres visitantes estrangeiros deixaram no respectivo livro.

Eis ao acaso:

tica secção charadistica, que tantas difficuldades traz a uma redação seria.

Longa vida é o que lhe desejamos.

Arcadia, revista d'arte. Rio de Janeiro, 1895.

Temos presentes dois numeros d'esta revista brasileira, cuja direcção está a cargo dos srs. Bito Mendes e Felix de Mello, distinctos poetas brasileiros.

Os dois numeros alludidos encerram artigos de notavel valor litterario. Todavia, destaca-se o seguinte soneto, composição encantadora e deliciosa e que julgamos obra do distincto poeta portuguez Gustavo Santiago, que ha tempos redigiu uma graciosa revista de Coimbra. Eis essa joia poetica:

MENINA E MOÇA

Menina e moça, e altivamente bella,
Que outra não ha de formosura tanta
Vede-a: seduz, fascina, prende, encanta,
Tal o esplendor, que aos olhos nos revela

po relativamente longo para a vida d'estas publicações, no nosso paiz.

E' ocioso elogiar o nosso trabalho porque não vae bem louvar em bocca propria e que de pouco valeria o nosso esforço se o publico não nos ajudasse n'esta cruzada civilisadora.

Confiados, pois na protecção dos nossos assignantes, em especial, e do publico em geral, vamos continuar no anno de 1896, a nossa obra procurando com sinceridade e boa vontade corresponder á sympathia e favor com que desde o seu principio tem sido acolhido o OCCIDENTE.

N'isto vae o nosso grato reconhecimento a todos que nos tem auxiliado.

A Empreza.



BONS CONVIVAS

«31 de Janeiro de 1894.
Visitando este estabelecimento fiquei encantado com a boa ordem e muito accio que n'elle encontrei. — *Julio Mango.*»

«26 de Fevereiro de 1894.
Visitando este grande estabelecimento fiquei encantado com a boa ordem e accio que engrandece a sua boa direcção que do bom Creador terá a recompensa de que é digna. — *Augusto Martin.*»

«30 de Junho de 1894.
Como estrangeiro procuro sempre vêr o que me pode auctorisar o progresso do paiz que visito; em Lisboa, d'entré muitos estabelecimentos que visitei, é digno de honrosa menção o Albergue que acabo de visitar. — *Dr. Jambeyro Costa.*»

Portugal Litterario — N.º 2, 1.ª serie. Lisboa, 1895. Director Julio Rosiers.

Eis uma graciosa revista mensal illustrada, cujo programma modesto merece toda a sympathia. Tem collaboração selecta e bem andará a nova revista expurgando das suas columnas a enigma-

Seda o cabello e solto, na garganta
Todo um rolar de estrella sobre estrella,
O olhar um sol. . . amor é toda ella,
Que até parece uma rainha santa.

De quando a vi, com seu azul vestido,
Magra e nervosa, e ingenuamente pura,
Que algo senti de extranho, não sentido:

A alma feliz de outra alma na procura,
No peito, da tristeza mal-ferido,
Coração de quem anda na ventura!...

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Com o presente numero encetamos a publicação do xviii volume do OCCIDENTE, que fundámos ha dezoito annos e que temos tido a rara satisfação de vêr desenvolver-se e fructificar n'este lapso de tem-

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»
para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

À venda na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 93